



## **PÃO E ROSAS OU UM ESTUDO DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO ATRAVÉS DE UM FILME DE KEN LOACH**

### ***BREAD AND ROSES OR A STUDY OF SOCIAL SEX RELATIONSHIPS THROUGH A KEN LOACH FILM***

 **Marcus Vinícius Costa da Conceição**

Doutor em Sociologia

IF Goiano – Campus Morrinhos

Morrinhos, Goiás, Brasil

[marcus.conceicao@ifgoiano.edu.br](mailto:marcus.conceicao@ifgoiano.edu.br)

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de discutir os conceitos de trabalho e de relações sociais de sexo relacionando com o filme *Pão e Rosas* (2000) do cineasta britânico Ken Loach. Primeiramente será realizada uma discussão sobre análise fílmica tomando por base construções realizadas por VIANA (2009), para posteriormente discutir teoricamente os conceitos de trabalho e de relações sociais de sexo (KERGOAT, 2009) com a finalidade de produzir uma base analítica para perceber como o filme aborda as questões teóricas trazidas aqui e como as relações sociais de sexo são fundamentais para compreender as relações de trabalho existentes no mundo contemporâneo.

**Palavras-Chave:** análise fílmica; trabalho; relações sociais de sexo; filme *Pão e Rosas*.

**Abstract:** This article aims to discuss the concepts of work and social relations of sex in relation to the film *Bread and Roses* (2000) by British filmmaker Ken Loach. Firstly, a discussion on film analysis will be carried out based on constructions carried out by VIANA (2009), to later theoretically discuss the concepts of work and social relations of sex (KERGOAT, 2009) in order to produce an analytical basis to understand how the film addresses the theoretical issues raised here and how the social relations of sex are fundamental to understanding the existing work relations in the contemporary world.

**Keywords:** film analysis; work; social relationships of sex; film *bread and roses*.

#### **Para citar – ABNT NBR 6023:2018**

CONCEIÇÃO, Marcus Vinícius Costa. *Pão e Rosas* ou um estudo das relações sociais de sexo através de um filme de Ken Loach. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 272-284, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v22n2.24808>

## 1 Introdução

A relação entre sociologia e cinema estabeleceu-se de uma maneira muito profícua ao longo do século XX e início do século XXI. Abriu-se uma profusão muito grandes de temas a serem explorados pelos sociólogos a partir das análises fílmicas. Um dos temas mais discutidos e analisados é justamente o do trabalho. No entanto, as relações entre trabalho e relações sociais de sexo no cinema ainda não foram muito exploradas. Desta maneira, pretende-se aqui neste artigo fazer uma análise partindo destas duas categorias com o objetivo de analisar o filme *Pão e Rosas*<sup>1</sup> de Ken Loach<sup>2</sup>.

Antes da análise fílmica em si, será realizada breve discussão sobre como analisar um filme e as problematizações inerentes a essa tarefa, bem como breve debate teórico com os conceitos a serem utilizados para analisar o filme, principalmente o conceito de relações sociais de sexo (RSS), a partir das contribuições do debate das autoras francesas e a sua visão a partir da consubstancialidade das relações sociais.

## 2 Filme e sociedade

Compreender o que é um filme, e quais as determinações da sua produção, é fundamental para realizar uma análise que vai além da simples descrição dos elementos estéticos ali apresentados. Nildo Viana (2009), ao discutir a concepção materialista da história do cinema, busca desvelar ao processo de constituição do que venha a ser um filme, partindo da noção central de que o filme é produto histórico e social de determinada época. O cinema é uma produção social e, portanto, constituído socialmente. Pelo fato de ser constituído socialmente ele é fruto das relações sociais, ou seja, produção humana, perpassada por valores e significados que o constitui.

O cinema está diretamente relacionado com o contexto histórico em que ele foi produzido e tal questão implica diretamente na visão de mundo, na escolha dos temas e nas histórias desenvolvidas ou retratadas pelos cineastas. Isso é de extrema importância para se perceber em quais

---

<sup>1</sup> O filme *Pão e Rosas* (2000) conta a história das irmãs Maya e Rosa, mexicanas que emigram para os Estados Unidos e passam a trabalhar limpando escritórios em um centro comercial. O trabalho exercido por elas é precarizado, uma vez que ao longo dos tempos os trabalhadores dessas funções perdem seus direitos trabalhistas passando a receber apenas a hora trabalhada. É quando a suas vidas se entrelaçam com a de Sam, sindicalista do sindicato dos faxineiros, que busca criar uma campanha pela melhoria das condições de trabalho desses trabalhadores. Esses conflitos entre patrões e empregados resulta em uma série de tensões que perpassa desde a vida pessoal dessas a irmãs até a sua possibilidade de expulsão dos EUA. Segundo Giovanni Alves “o filme baseia-se em fato verídico ocorrido no importante centro comercial de Los Angeles (*Century City's Office*) em maio de 1990, quando cerca de 500 a 700 trabalhadores faxineiros dos prédios comerciais da região, parte deles de imigrantes ilegais, decidiram entrar em greve reivindicando melhores salários. A paralisação dos zeladores que durou de 29 de maio a 26 de junho de 1990, atingiu prédios de escritórios de importantes corporações internacionais no centro de Los Angeles. A paralisação atingiu os trabalhadores faxineiros da ISS (*International Service System Inc*), uma das maiores empresas de subcontratação de zeladores para serviços em prédios comerciais nos EUA (a ISS possui capital dinamarquês).”

<sup>2</sup> Ken Loach é um cineasta britânico que tem como eixo central de seus filmes a discussão de questões sociais (como a independência da Irlanda, a Guerra Civil Espanhola, a vida e os percalços dos trabalhadores). Tem um total de 40 filmes em sua carreira, incluindo tanto documentários como filmes de ficção.

contextos Ken Loach produziu seu filme e quais os debates que estão em torno daquela produção.

É justamente em torno desses debates que se tem o objetivo de fazer uma análise do discurso fílmico buscando perceber o que o cineasta pretende passar com o seu filme. Viana (2012) aponta que há duas formas de mensagens que podem ser extraídas dos filmes: o significado original e o significado adjudicado do filme. Para o presente autor,

o significado original remete ao problema de qual mensagem a equipe de produção do filme pretendia passar. [...] O significado adjudicado é aquele que não possui correspondência necessária com o significado original e, por conseguinte, é uma atribuição de significado (VIANA, 2012, p. 17).

Para compreender esses significados é necessário entender que aqueles, principalmente o original, não são criados ao acaso, mas tem uma base social e além de tudo são pautados pela determinação fundamental da produção fílmica, que é ditada pelo capital cinematográfico, segundo demonstrado por Viana (2009). No entanto, a determinação fundamental pode ser superada, em alguns momentos, por outras determinações dependendo das condições de produção a que o filme está submetido. Além disso, é preciso compreender que a produção fílmica sofre interferências diretas por parte dos financiadores que dominam o capital cinematográfico e, por isso, muitas vezes o filme perde o seu propósito inicial por pressão mercadológica.

O capital cinematográfico se pauta basicamente pelo lucro, desta maneira o filme tem que gerá-lo como forma de torná-lo viável. Para Viana (2009) é somente quando acontece alguma quebra dessa determinação fundamental por alguma outra determinação, que o lucro não é o alvo prioritário. Entre essas outras determinações podem estar ingerências estatais, a esfera cinematográfica (como uma subesfera da esfera artística<sup>3</sup>) entre outras.

Voltando ao papel dos significados do filme, o original e o adjudicado, a presente análise fílmica de *Pão e Rosas* buscará justamente perceber quais são essas mensagens produzidas pelo filme, relacionando-as diretamente com as discussões sobre o trabalho e, mais particularmente, as relações sociais de sexo. A partir de uma visão inicial<sup>4</sup>, podemos dizer que o significado original do filme pode ser percebido através do processo de exploração e precarização do trabalho dos imigrantes no serviço de faxina e quais as implicações que esses elementos causam nas suas vidas. Partindo para a construção de um significado adjudicado do filme buscar-se-á perceber como as relações sociais de sexo estão entranhadas dentro das relações de trabalho e como as personagens lidam

<sup>3</sup> Para Viana, a esfera artística “[...] é manifestação de uma subdivisão do trabalho improdutivo especializada na produção artística realizada pelos artistas” (VIANA, 2012, p. 5). A subesfera já é caracterizada como “outra divisão do trabalho no interior de determinada esfera” (VIANA, 2012, p. 5).

<sup>4</sup> Essas visões sobre os significados originais e adjudicado do filme serão desenvolvidas de uma maneira mais ampla na quarta parte desse trabalho.

com esses elementos a partir da construção de seu papel social.

Com esta breve discussão sobre os procedimentos da análise fílmica, aliados com o processo teórico – que será na próxima parte – pretende-se fechar todo o arcabouço de análise responsável por se fazer o estudo do filme e assim conseguir extrair os principais elementos através dos quais o nosso objetivo se faz presente.

### 3 Trabalho e Relações Sociais de Sexo

As discussões sobre o trabalho estão presentes desde os primórdios da sociologia, constituindo-se assim com um dos principais temas explorados pela sociologia e constituindo-se posteriormente como uma área específica de análise, a sociologia do trabalho.

Karl Marx e Émile Durkheim são os dois principais autores da nascente sociologia que desenvolvem análises a respeito do trabalho e de suas implicações para o mundo moderno. É preciso entender como esses autores desenvolveram as suas teorias para só então compreender como há a ressignificação do conceito de trabalho a partir das décadas de 1960/70 com a inserção da discussão de sexo social e do trabalho doméstico.

Marx desde o início de suas análises procura desvendar o papel do trabalho dentro da sociedade capitalista. Isso fica evidente nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. O grande elemento de Marx neste livro é perceber não só o processo de trabalho capitalista, mas sim como este afeta aquele que está mais diretamente ligado a esse processo, o trabalhador. A pergunta orientadora de Marx (1962) é saber por qual motivo este trabalhador por mais que ele produz, mais miserável ele fica. O ponto de partida dessa resposta é desvendar o papel da alienação na produção de mercadorias no capitalismo.

O trabalho é entendido como “a condição indispensável da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre o homem e a natureza” (MARX, 1962, 95). Essa definição é importante para compreender como esse trabalhador se porta perante o trabalho alienado e também qual deve ser o verdadeiro papel do trabalho em uma sociedade comunista.

Em *O Capital*, Marx avança ao expressar os elementos mais abstratos do processo de trabalho

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para a sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 255).

Para se compreender esse conceito mais elaborado em *O Capital*, é preciso ter em mente a diferença de tempo de visões sobre a obra do autor. Os *Manuscritos* são uma obra de juventude, em que Marx, começava a desenvolver seus estudos sobre o processo de produção capitalista. Já *O Capital* é o fruto do seu trabalho da maturidade, em que ele percorre uma grande gama de estudos teóricos e empíricos para teorizar o desenvolvimento do capitalismo. Nessa segunda definição, podemos ver algo que será central na análise aqui realizada. O trabalho é algo essencial para o ser humano e como tal ele não pode ser abolido, pois cabe a ele o desenvolvimento das potencialidades humanas. O grande problema se concentra no trabalho alienado realizado sob o prisma do capital, em que o trabalhador não tem acesso ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Diferentemente de Marx, Durkheim não possui um conceito de trabalho tão elaborado e desenvolvido. A sua visão se concentra mais no processo de análise da divisão social do trabalho, inclusive este é o nome do principal livro em que analisa essa temática, e como a divisão do trabalho é determinante para o desenvolvimento da sociedade, inclusive criando formas diferentes de sociabilidades, a qual Durkheim denominada de solidariedade.

Uma das grandes contribuições de Durkheim é pensar a divisão do trabalho não apenas no campo econômico, mas em todas as esferas da sociedade. Isso faz com que sua análise se paute por buscar as suas influências nos mais distintos aspectos, ajudando assim na solução do seu problema inicial em desvendar a função, as causas e as consequências da divisão do trabalho.

A primeira forma apontada por Durkheim é a divisão sexual do trabalho. Ele aponta esta como sendo uma das mais antigas divisões encontradas e que suas origens não remetem necessariamente a aspectos biológicos, visto que as questões relativas à força física e a funcionalidade de ambos nas sociedades eram parecidas. Porém, o casamento é o responsável por fazer com que essa divisão sexual se torne mais evidente, uma vez que o papel do homem é colocado como preponderante ao da mulher, inclusive em termos biológicos, pois, “não só a estatura, o peso, as formas gerais são muito dessemelhantes entre o homem e a mulher, mas o Dr. Leblon demonstrou, como vimos, que, com o progresso da civilização, o cérebro dos dois sexos se diferencia cada vez mais (DURKHEIM, 1995, p. 26)”.

Ao trazer uma bagagem positivista-cientificista, ele busca através dessa afirmação denotar que as ciências são uma formação exclusiva do homem, pois ele tem uma maior capacidade mental. À mulher caberia as artes, pois ela seria mais emotiva que racional, não conseguindo traduzir a sua capacidade criativa em conhecimento científico.

O grande papel desempenhado, na sua visão, pela divisão do trabalho não foi o processo de divisão de tarefas, mas sim o de solidariedade entre os indivíduos que levou ao processo de

fortalecimento da coletividade criando, assim, relações sociais duradouras. Por este ponto, ele define o estudo da solidariedade como campo da sociologia e analisa duas formas distintas de solidariedade: a mecânica e a orgânica.

Inspirado nas ciências naturais, Durkheim elabora uma análise evolucionista da sociedade, em que a solidariedade mecânica é a típica de sociedades inferiores onde há a prevalência da coletividade e caminha para o estabelecimento da solidariedade orgânica, presente na sociedade moderna-individualista. A divisão do trabalho é um dos elementos-chaves para se compreender essa passagem.

E essa divisão ocorre a partir de uma perspectiva econômica, uma vez que era necessário a esses indivíduos que libertavam das perspectivas morais<sup>5</sup> e sociais e passavam a integrar uma coletividade econômica, daí o papel das corporações. Para Durkheim este ponto se destaca, pois é impossível pensar a divisão do trabalho sem se basear na análise moral.

Com o passar do tempo, esse conceito de trabalho – como desenvolvido pela sociologia clássica, mesmo com as suas particularidades – não era mais suficiente para abarcar todas as dimensões que agora passavam a ser estudadas, com por exemplo o trabalho doméstico. Dessa forma, segundo Hirata (1995), foi necessário realizar uma “desconstrução/reconstrução” do termo trabalho, a fim de que ele conseguisse cumprir o papel ao qual ele foi enquadrado. Esse processo foi desenvolvido por pesquisadoras ligadas ao movimento social de mulheres, como Danièle Kergoat, constituindo-se dessa forma em um duplo movimento: dos movimentos sociais para a academia e vice e versa.

Um dos elementos que foram reconstruídos nessa nova categorização do conceito de trabalho é justamente a categoria homem como ser universal. Baseado justamente nas experiências obtidas nesses movimentos sociais, percebeu-se que sexo social é excluído dos trabalhos e que quando se realiza uma pesquisa a amostra era sempre encarada como uma população masculina. Isso gerava um problema, pois inviabilizava as diferenças existentes entre homens e mulheres no que se refere a sua alocação no mundo do trabalho.

Não se percebia, ou não se queria perceber, que havia uma divisão sexual do trabalho que ia além daquela evocada por Durkheim e que também deveria ser trabalhada. A grande questão apontada por essas pesquisadoras é que a divisão sexual do trabalho é acima de tudo uma relação de poder estabelecida dos homens sobre as mulheres. Por isso, um desafio posto foi justamente a

---

<sup>5</sup> Inclusive Durkheim (1995) aponta que nas sociedades inferiores as maiores penas eram colocadas contra crimes coletivos, como por exemplo a religião. Enquanto que na sociedade moderna os piores crimes são os considerados contra os seres humanos em sua individualidade.

incorporação da temática da subjetividade e algo até então fora das análises sociológicas do trabalho.

Kergoat (2009) define de maneira bem clara o que vem a ser a divisão sexual do trabalho

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por característica a destinação prioritária dos homens a esfera produtiva e as mulheres a esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc) (KERGOAT, 2009, p. 67).

A definição trazida por Kergoat é de extrema importância para perceber como a divisão sexual do trabalho é histórica e socialmente construída, ou seja, ela sempre terá especificidades do tempo e do local no qual estará sendo analisada. Além do que, demonstra como é o arranjo da divisão sexual do trabalho, pois ela como afirma a autora é um “produto de vivência”.

Procurando ampliar essa discussão, ela afirma que existem dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho: “o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher)” (Kergoat, 2009, 67). Esses princípios, segundo a autora, atuam em todas as sociedades onde a divisão sexual do trabalho é conhecida, sendo possível assim analisar como a divisão sexual do trabalho articula-se especificamente sobre determinado contexto social.

Uma questão extremamente importante é perceber como a divisão sexual do trabalho está intimamente imbricada com as relações sociais de sexo, sendo que aquela é a forma de divisão do trabalho desta. Compreender esse elemento é fundamental para avançar na percepção de como é forjada essa nova visão sobre as relações de trabalho.

O conceito de relações sociais de sexo<sup>6</sup> nasce a partir da experiência de feministas-pesquisadoras francófonas<sup>7</sup>, entre as décadas de 1960/70, como uma forma de transpor as dificuldades conceituais existentes nos estudos sobre mulheres até aquele momento. Essa origem lhes difere substancialmente do conceito de relações de gênero<sup>8</sup> de origem anglo-saxã<sup>9</sup>. Essa vivência é fundamental para entender como o conceito de RSS busca não somente pensar as relações entre os sexos,

<sup>6</sup> Uma diferença elencada é a questão do uso do termo relação. Kergoat explica que em francês há duas palavras que abrangem esse termo: *rappor*t e *relation*. Quando usadas no contexto da rss, a primeira “aborda a tensão antagônica que se desrola, em particular, em torno da divisão sexual do trabalho e que termina na criação de grupos sociais com interesses contraditórios. A denominação *relations* sociais remete a relações concretas que os grupos e indivíduos mantêm” (KERGOAT, 2002, p. 72). As autoras sempre utilizam o termo na acepção de *rappor*t.

<sup>7</sup> Mirla Cisne (2014) denomina essa corrente como feminismo materialista.

<sup>8</sup> Para Cisne (2014) o conceito de gênero está muito ligado a um “feminismo acadêmico”, por isso o seu vínculo com as lutas e movimentos sociais é basicamente inexistente fora da acadêmica. Isso faz com que ele não tenha um peso substancial ao que diz respeito a ação política, fazendo com que o conceito perca força naquilo que ele deveria ser mais importante que é a aproximação com as mulheres trabalhadoras. Isso ocorre também porque ele basicamente exclui as análises concernentes ao papel das classes sociais.

<sup>9</sup> Piscitelli (2009) aponta a origem do conceito de gênero a partir da segunda onda do feminismo, a partir da década de 1960. Apesar de nascer no campo da biologia, a partir da década de 1970 ele é reapropriado pelo movimento feminista como forma de construir uma elaboração teórica capaz de dar voz as suas demandas.

mas também a sociedade a partir de uma visão mais totalizante da sociedade.

A primeira problemática elencada por Kergoat (2002) é justamente a definição inicial de relação social<sup>10</sup>. Ela admite que nas ciências sociais esse termo, no geral, é muito problemático, sendo que somente poucas abordagens conseguem avançar, como as propostas por Maurice Godelier e Philippe Zarifian. No entanto, essa relação em geral estava baseada na questão da classe e não abordava as relações entre homem e mulher, como será o foco das relações sociais de sexo.

Entretanto, as relações entre homens e mulheres - independentemente da terminologia empregada: relações sociais de sexo, gênero ou relações de gênero - não entram, a não ser marginalmente, nesse campo epistemológico. Homens e mulheres coexistem continuamente, vivem juntos e "produzem viver" juntos. Contudo, a teoria do laço social está longe de conseguir dar conta, por si só, do real observável: as violências (físicas e simbólicas) são cotidianas, o grupo dos homens legisla, em nome do universal, a vida do grupo das mulheres, explora seu trabalho profissional e ainda extorque delas trabalho extra (o trabalho doméstico). O fato de que, nesse último ponto, muitas mulheres cedam "por amor" nada muda à dura realidade dos fatos (KERGOAT, 2002, p. 48-49).

É a partir dessa lacuna que as relações sociais de sexo começam a se constituir enquanto teoria. Mathieu (2009) vem deixar claro que apesar da noção de sexo ter uma primeira acepção biológica<sup>11</sup>, não é dessa maneira que ela é encarada nesses estudos. Desta maneira Mathieu preferiu criar a noção de "sexo social" para justamente separar essas duas acepções. Essa noção de sexo social é amplamente utilizada pelas autoras que trabalham com o conceito de RSS.

As relações sociais de sexo se desenvolvem em torno do trabalho e "se fundamentam primeiro e antes de mais nada sobre uma relação hierárquica entre os sexos; trata-se mesmo de uma relação de poder, de uma relação de "classe" (Guillaumin, 1992) - e não de um simples princípio de "classificação" (Kergoat, 2002, p. 49). O estabelecimento do nexos entre sexo e classe é uma das grandes contribuições dadas pelas RSS.

Além dessa definição, a relação social de sexo possui quatro características básicas que lhe conferem singularidade em relação ao gênero.

<sup>10</sup> A definição mais básica de relação social é: "uma tensão que atravessa o campo social. Não é uma coisa passível de reificação. Essa tensão produz certos fenômenos sociais e, em torno do que neles está em jogo, constituem-se interesses antagônicos (KERGOAT, 2009, 71).

<sup>11</sup> Durante muito tempo a noção binário homem/mulher foi a predominante nos estudos biológicos e sociais. Hoje, em ambas as áreas, aceita-se que esse binarismo não consegue atender toda a complexidade social existente.

1. são *antagônicas*, relações de força que opõem os dois grupos em questão, um procurando manter sua dominação e o outro tentando libertar-se;
2. são *transversais*, não se limitando a uma esfera da sociedade e não se baseando, como se pretende com frequência, principalmente na família;
3. são *dinâmicas* e historicamente construídas e o resultado de uma correlação de forças em movimento contínuo. Afirmar que a dominação masculina pode ser encontrada em todas as sociedades não significa que ela constitua um “invariante”: é uma construção sócio-histórica, podendo, portanto, ser subvertida. Homens e mulheres nascem dentro de uma sociedade definida por relações sociais de sexo, mas todos participam da produção e da reprodução dessas relações.
4. elas *bicategorizam*, definindo de forma hierárquica as categorias sociais de sexo, ou seja, atribuem posições para os homens e as mulheres na sociedade (FERRAND in RIAL; LAGO; GROSSI, 2005, p. 680-681).

O último ponto do debate teórico remete a relação social de sexo e a noção de consubstancialidade das relações sociais. Pensar a consubstancialidade é pensar que elas são entrelaçadas, ou seja, elas formam uma teia que é impossível de ser desatada.

As relações sociais são consubstanciais: elas formam um nó que não pode ser sequenciado ao nível das práticas sociais, apenas em uma perspectiva analítica da sociologia; e elas são coextensivas: implantando as relações sociais de classe, de gênero e de ‘raça’, se reproduzem e se coproduzem mutuamente (KERGOAT *apud* CISNE, 2014, p. 143).

Para além da consubstancialidade, a coextensividade das relações sociais permite perceber que há toda uma estrutura capaz de expandir e reproduzir essas desigualdades. A noção de consubstancialidade das relações sociais encaixa perfeitamente na construção de uma análise que se propõe pensar a associação entre relação social de sexo e o trabalho. Isso porque pensar a relação de classe e a sua imbricação de raça/sexo é pensar para além de um suposto apaziguamento do conflito de classes, como ocorre nos estudos de gênero hoje nos Estados Unidos.

Essa origem de classe (classe sexual, classe social, classe étnica) é determinante na compreensão da gênese e do desenvolvimento desses conflitos. Em particular, tem como consequência a percepção da “raça” como uma possível modalidade de experiência de classe, pois, ao trazer a experiência e o sujeito para o centro das análises, permite a passagem do problema da dominação pura para o problema das resistências, da revolta e da emergência dos movimentos sociais (KERGOAT, 2010, p. 97).

Essas contribuições teóricas embasam uma análise mais coerente do filme *Pão e Rosas*, oportunizando pensar questões cruciais que balizam as relações sociais na sociedade contemporânea.

#### 4 Uma análise filmica de *Pão e Rosas*

O filme aborda um tema que a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI ganharam notoriedade: a migração realizada no sentido Sul/Norte e a utilização desses migrantes em trabalhos precarizados (geralmente postos que não são ocupados por nativos ou quando são, são nativos em situação precária).

Pode-se colocar o elemento acima apresentado como o significado original do filme, uma vez que seu desenvolvimento demonstra de uma maneira clara esse processo de precarização do trabalho e instabilidade no trabalho.

Falquet (2008) expõe que o processo de globalização, a partir do neoliberalismo, intensifica o processo de precarização do trabalho para esses migrantes, sendo que muitas vezes, esses deixam condições precárias em seus países e assumem essa mesma posição em outros países. Devido ao fato de serem trabalhadores ilegais, são submetidos a trabalhos que a grande maioria dos residentes nesses países não aceitaria.

Tanto Maya como Rosa precisam ter uma longa jornada de trabalho (cerca de 16 horas por dia), para conseguir ter o mínimo de dignidade dentro daquele país que elas pensavam que teriam melhor qualidade de vida. A flexibilização da legislação trabalhista a partir da década de 1970, segundo APPY e Thébaud-Mony (2009), é uma das grandes responsáveis por essa precarização.

O filme demonstra a atuação do sindicato junto aos trabalhadores como a solução de saída<sup>12</sup> da precarização em que viviam. É interessante perceber como a relação entre Sam e os trabalhadores ocorre na busca de tentar ligá-los à causa. Quando Sam estabelece a comparação entre o salário dos faxineiros do prédio na década de 1980 (quando eram sindicalizados) e naquele momento sem a sindicalização, ele procura demonstrar como a empresa buscar ter lucros a partir da redução dos salários dos trabalhadores, algo já demonstrado em parte por Falquet (2008).

Essa tendência de redução do número de trabalhadores sindicalizados nos países centrais é um fenômeno que começa a ocorrer a partir da década de 1980, como o final do Estado de bem-estar social. Rodrigues (1998) aponta a queda do número de trabalhadores sindicalizados nos EUA entre 1980 e 1990 na casa de aproximadamente 4 milhões de trabalhadores.

Uma das preocupações dessa corrente francesa e que é possível extrair como um dos significados adjudicados do filme é a relação estabelecida entre as mulheres do Norte e do Sul. Um dado relevante abordado por Hirata e Kergoat (2007) – em relação à divisão sexual do trabalho – é a ocupação de postos mais altos dentro (como funcionário e executivas de nível superior) mais

<sup>12</sup> O final do filme, apesar de reforçar essa tese, ele não tem o típico final feliz hollywoodiano.

que dobrou desde 1980, o que fez com que essas mulheres terceirizassem para imigrantes ou conterrâneas em situações precárias.

Duas relações sociais entre mulheres, inéditas historicamente, estabelecem-se dessa maneira: uma relação de classe entre as mulheres do Norte, empregadoras, e essa nova classe servil; uma relação de concorrência entre mulheres, todas precárias, mas precárias de maneira diferente, dos países do Norte e dos países do Sul e, logo também, de “cores” diferentes com a chegada a esse mercado de mulheres dos países do Leste (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 602).

Esse elemento pode ser visto de maneira muito clara no filme, no que se refere ao papel desempenhado pelas protagonistas: o papel de faxineiras de um grande prédio de escritórios. A maioria ali são trabalhadoras, quase todas imigrantes e quando nativas, são mulheres que se encontram em um papel de vulnerabilidade social.

Esse emprego não detém nenhuma estabilidade, como pode ser comprovada em diversos momentos do filme quando Perez (o supervisor da empresa de limpeza) demite e contrata trabalhadoras e trabalhadores ao seu bel prazer, sem que esses tenham qualquer garantia do seu serviço.

A adoção de mão de obra feminina é necessária ao capitalismo como meio de conseguir ampliar o exército industrial de reserva, pois isso faz com que se mantenha o preço da mão de obra barata.

Contudo, a sociedade capitalista necessita, em seu processo de acumulação, do trabalho feminino, pois, ao aproveitar imensas massas de mão de obra feminina, há uma elevação na absorção da mais-valia. Assim, o emprego do trabalho das mulheres no processo industrial tem por objetivo utilizar trabalho barato e elevar os lucros (NASCIMENTO, 2016, p.43).

O que não falta ao decorrer do filme são candidatas ao posto de trabalho de faxineira, demonstrando esse princípio básico exposto por Nascimento (2016). Além do que, é possível perceber como essas mulheres, em geral, o caso de Rosa é um exemplo, possuem dupla jornada, responsáveis pelo trabalho tanto dentro como fora de casa, acumulando assim duas funções.

O último ponto de relevância que pode-se extrair a partir de uma análise da relação social de sexo é a situação de Rosa. Desde que saiu de sua cidade natal e se estabeleceu no norte do México, Rosa atuou enquanto prostituta, não pela sua vontade, mas sim como único meio que encontrou de sobreviver. Vítima de tráfico de pessoas<sup>13</sup>, ela passa por todas as humilhações das quais é possível se pensar. Legardinier (2009) ao trabalhar o que é a prostituição e quais os fatores sociais incluídos nela, serve de base para uma reconstrução de todo o percurso de Rosa nessa vida.

<sup>13</sup> Logo no início do filme é retrato outro episódio referente a isso. Devido ao fato de Rosa não ter o dinheiro para pagar aos traficantes de escravos a vinda de Maya, eles decidem cobrar o valor através de “serviços sexuais” dessa última. O abuso só não se consuma, pois Maya consegue escapar antes.

A definição de prostituição que se assume aqui é fundamental para perceber como essa atividade é

antes de tudo, uma organização lucrativa nacional e internacional de exploração do outro. [...] A análise feminista considera a prostituição como a situação mais extrema de relação de poder entre as categorias de sexo. Transformadas em objetos sexuais e sujeitas a violência, as mulheres são coisificadas em prol da sexualidade irresponsável dos homens (LEGARDINIER, 2009, p. 198).

A grande questão enfrentada por Rosa, é que mesmo depois de largar a prostituição e conseguido imigrar para os Estados Unidos, a sua condição de mulher ainda a faz refém do sexo como meio de conseguir as coisas. Apesar de ter saído diretamente da violência da prostituição, ainda se considera como tal, pois utiliza-se do sexo para conseguir sobreviver, quando por exemplo, faz sexo com Perez para conseguir um emprego para a sua irmã Maya.

Essa instância de dominação e opressão na qual Rosa<sup>14</sup> está envolta é amplificada pela sua posição enquanto mulher latina. O fato dela estar legalizada não faz com ela sofra menos assédio ou tenha mais privilégios que as outras, ela continua em uma condição de opressão.

## 5 Considerações finais

O filme *Pão e Rosas* propiciou a possibilidade de pensar e aprofundar o debate e a intersecção entre as temáticas filme/trabalho/relação social de sexo a partir de uma ótica plural, percebendo o filme como um produto social pode ser utilizado para a discussão das relações sociais que perpassam a nossa sociedade e indo além, percebendo como significados até então não atribuídos originalmente ao filme, podem ser utilizados para refletir as dinâmicas sociais referentes às contradições do mundo social.

## Filmografia

*Pão e Rosas*, Ken Loach (França, Reino Unido, Suíça, Espanha e Alemanha, 2000).

## Referências

APPAY, Beatrice; THÉBAUD-MONY, Annie. Precarização social. In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009.

CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, “raça” /etnia e classe: uma análise feminista-materialista. *Temporalis*, Brasília (DF), ano 14, n. 28, jul./dez. 2014, p. 133-149.

<sup>14</sup> Um ponto interessante é que Rosa não é uma imigrante ilegal, ela já está regularizada e é casada com um americano, porém esse sofre de diabetes e por não ter plano de saúde, é Rosa que precisa sustentar a casa.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão social do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HIRATA, Helena. Relações sociais de sexo e do trabalho: contribuição à sobre o conceito de trabalho. *Em Aberto*, Brasília, ano 15, n. 65, jan./mar. 1995, p. 39- 49.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p. 595-609.

KERGOAT, Danièle. A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. *Pro-posições*, Campinas, v. 13, n.1 (37), jan./abr. 2002, p. 47-59.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 86, março 2010, p. 93 – 103.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 67-75.

LEGARDINIER, Claudine. Prostituição I. In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 198 – 202.

MARX, Karl. Manuscritos econômicos e filosóficos. In: FROMM, Erich. *O conceito marxista de homem*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MARX, Karl. *O Capital*: vol I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MATHIEU, Nicole-Calude. Sexo e Gênero. In: HIRATA, Helena et al. *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 222-230.

NASCIMENTO, Sara Diniz. Precarização do trabalho feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. *Revista de Políticas Públicas*, vol. Esp, pp. 339-346, 2016.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloísa e SZWAKO, José Eduardo (orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116 – 148.

RIAL, Carmen; LAGO, Mara Coelho de Souza; GROSSI, Miriam Pillar. Relações sociais de sexo e relações de gênero: entrevista com Michèle Ferrand. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, dez. 2005, p. 677-690.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O declínio das taxas de sindicalização: a década de 80. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 36, p., fev. 1998.

VIANA, Nildo. *A concepção materialista da história do cinema*. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

VIANA, Nildo. A formação da esfera artística. In: II SEMANA DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DO IFG-GOIÂNIA, 2012, Goiânia. *Anais da II Semana de licenciatura em História do IFG-Goiânia*. Goiânia: 2012, p. 1 -12.

VIANA, Nildo. *Cinema e mensagem: análise e assimilação*. Porto Alegre: Asterisco, 2012.